

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 2



TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2020

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 2



TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacão do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Tallys Newton Fernandes de Matos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: compreensão teórica e intervenção prática 2 /
Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-462-7

DOI 10.22533/at.ed.627200810

1. Psicologia. 2. Intervenção prática. 3. Transformação.
I. Matos, Tallys Newton Fernandes de (Organizador). II.
Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O indivíduo está em constante transformação através dos mecanismos que estão disponíveis e expostos em seu meio, na forma de apropriação e reconfiguração da sua realidade. Neste processo, destacamos a “cultura”, que vem desde o latim da Roma antiga e restringia-se ao cultivo. Na atualidade, no contexto das “ciências humanas” e “ciências da saúde”, o significado de “cultura” envolve conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes, normas, hábitos e valores, adquiridos pelo ser humano como ser social.

A cultura possibilita a compreensão e a investigação dos modos típicos de perceber, sentir, pensar e agir de determinado indivíduo ou grupo social em seu contexto. Ela ganha destaque por possibilitar a análise de como se configura e se estrutura as demandas sociais dentro de um determinado momento histórico. Vale destacar, no segmento citado, os estudos de Vygotsky sobre a abordagem histórico-cultural.

Por conseguinte, destacamos a mídia como uma das ferramentas que expõe a diversidade cultural através dos mecanismos e meios de comunicação. Nisto, a mídia possibilita, em diferentes contextos, a apresentação da diversificação cultural que está em constante transformação na realidade. Vale ressaltar que, em muitos casos, este processo se dá de forma superficial e errônea devido a limitação do acesso ao conhecimento de cada área exposta e a amplitude de segmentos e dinâmicas. A consequência disto, na maioria das vezes, é a elaboração de um cenário de conflitos e discórdias.

Faz-se importante que haja intervenções neste segmento como forma de equilibrar as demandas que estão em exposição. Uma das áreas que pode trabalhar tais circunstâncias é a Psicologia Organizacional, que, através de processos dinâmicos no ambiente de trabalho, utiliza ferramentas essenciais como estratégia de avaliação e intervenção. A Psicologia Organizacional no Brasil trabalha diferentes áreas tais como: “gestão”, “organização” e “trabalho”. Dentro de cada área citada existe uma pluralidade de segmentos e teorias na estruturação das propostas de atuação frente a demandas.

Essas possibilidades de atuação permitem a identificação do sofrimento e da saúde, desenvolvendo estratégias que configuram a qualidade de vida e bem-estar do sujeito em seu ambiente de atuação profissional. Tais artefatos objetivam, por assim dizer, a saúde mental desde o individual até o coletivo.

De acordo com o discurso anterior, a obra *“Psicologia: Compreensão Teórica e Intervenção Prática 2”* explora estudos direcionados à “cultura, psicologia social, mídia, psicologia organizacional e do trabalho, sofrimento e adoecimento mental, despersonalização, avaliação e intervenção em saúde e a saúde mental”.

As metodologias utilizadas nesta obra foram: revisão de literatura, relato de experiência, entrevista semiestruturada, pesquisa documental, revisão sistemática, estudo descritivo, estudo de caso, pesquisa descritiva, grupo focal, revisão integrativa, pesquisa

bibliográfica e pesquisa experimental. É importante ressaltar nesta obra a riqueza e a pluralidade dos estudos desenvolvidos em diferentes instituições de ensino superior no contexto nacional.

Por fim, sabemos a importância da construção e reconstrução do conhecimento através da produção científica em benefício do desenvolvimento social. Portanto, saliento que a Atena Editora oferece uma plataforma consolidada e confiável, sendo referência nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS DANÇAS CIRCULARES DA CULTURA AFRO E INDÍGENA NA AMAZÔNIA NA VISÃO JUNGUIANA

Álvaro Marçal Júnior

DOI 10.22533 at.ed.6272008101

CAPÍTULO 2..... 4

PSICOLOGIA COMUNITÁRIA NA AMAZÔNIA OCIDENTAL: MOBILIZAÇÃO ACERCA DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM UM TERREIRO DE UMBANDA

Iago Brilhante Souza

Daylan Maykiele Denes

Fábio Rodrigues Carvalho

Raylane Luiz Martins

Michele Nascimento Romão

Leila Gracieli da Silva

DOI 10.22533/at.ed.6272008102

CAPÍTULO 3..... 14

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A CULTURA DO MACHISMO: RELATO DE UMA ATIVIDADE ACADÊMICA EM PSICOLOGIA SOCIAL

Karolina Ida Martins Neu

Claudia Backes

Leticia Scatolin

Sthefane Viviane Rodrigues Zanin

Aline Bogoni Costa

Tânia Regina Aosani

DOI 10.22533/at.ed.6272008103

CAPÍTULO 4..... 21

ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE PSICOLOGIA ANALÍTICA E ARTE NA CONTEMPORANEIDADE

Lucas Alberto Miranda de Souza

DOI 10.22533/at.ed.6272008104

CAPÍTULO 5..... 28

A VULNERABILIDADE DA SAÚDE MENTAL: ANÁLISE DA DEPRESSÃO PELOS OLHOS DA MÍDIA IMPRESSA NACIONAL

Jacir Alfonso Zanatta

Valesca Soares Consolaro

DOI 10.22533/at.ed.6272008105

CAPÍTULO 6..... 42

A ÁREA DE MEDIUNIDADE E ANÁLISE DA REDE DE COAUTORIA

Jéssica Plácido Silva

Hernane Borges de Barros Pereira

José Garcia Vivas Miranda

DOI 10.22533/at.ed.6272008106

CAPÍTULO 7..... 53

TENDÊNCIAS DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO TRABALHO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Lucilene Cruz da Silva

DOI 10.22533/at.ed.6272008107

CAPÍTULO 8..... 67

ÍNDICE DE ESTRESSE NO ANALISTA DE LABORATÓRIO HOSPITALAR

Iara Ramos Veloso

Nubbia Loreny Lima Barbosa

Mariana de Castro

Karine Suene Mendes Almeida Ribeiro

Brunna Gonçalves Soares

DOI 10.22533/at.ed.6272008108

CAPÍTULO 9..... 76

REFLEXOS DA SÍNDROME DE *BURNOUT* EM UMA UNIVERSIDADE DE IMPERATRIZ – MA

Jailza do Nascimento Tomaz Andrade

Miliana Augusta Pereira Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.6272008109

CAPÍTULO 10..... 95

MOTIVAÇÃO E CLIMA ORGANIZACIONAL - CORRELAÇÕES DE PRODUTIVIDADE

Sylvio Takayoshi Barbosa Tutya

Lídia Carolina Rodrigues Balabuch

Maria Elisa de Lacerda Faria

Thamyres Ribeiro Pereira

DOI 10.22533/at.ed.62720081010

CAPÍTULO 11..... 105

O BEM-ESTAR DO INDIVÍDUO NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL

Katiéli Jeniffer Bourscheid

Jocelene Francine Schons

DOI 10.22533/at.ed.62720081011

CAPÍTULO 12..... 112

A FINITUDE DA VIDA NA ROTINA DE TRABALHO: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA O ENFRENTAMENTO DA MORTE E DO MORRER

Fernanda Unser

Amanda Angonese Sebben

DOI 10.22533/at.ed.62720081012

CAPÍTULO 13..... 124

ABUSO DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS POR USUÁRIOS DO SEXO MASCULINO:

TRATAMENTO E RECAÍDA, QUAIS OS MOTIVOS?

Maria Valquíria de Aguiar Campos Sena
Gabriela Oliveira Parentes da Costa
Ricardo Clayton Silva Jansen
Michelle Kerin Lopes
Catiane Raquel Sousa Fernandes
Lívia Augusta César da Silva Pereira
Josué Alves da Silva
Dianny Alves dos Santos e Santos
Mariana Portela Soares Pires Galvão
Jessica Lyra da Silva
Cicera Jaqueline Ferreira de Lima
Raquel Vilanova Araujo

DOI 10.22533/at.ed.62720081013

CAPÍTULO 14..... 133

PREVALÊNCIA DE CARACTERÍSTICAS NECROFÍLICAS NO GÊNERO MASCULINO

Gabriel Barros Fernandes
Daniely Galúcio Nunes
Leandro Silva Pimentel

DOI 10.22533/at.ed.62720081014

CAPÍTULO 15..... 140

UM OLHAR GESTÁLTICO SOB O ENTORPECIMENTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA CONTRA-HEGEMÔNICA DE POLÍTICAS DE REDUÇÃO DE DANOS

Dácio Pinheiro Carvalho Filho
Marcus César de Borba Belmino

DOI 10.22533/at.ed.62720081015

CAPÍTULO 16..... 156

PROTOCOLO DE TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS EM UM HOSPITAL PÚBLICO EM REGIÃO DE FRONTEIRA

Michele dos Santos Hortelan
Amanda Braz Ramirez
Sérgio Moacir Fabríz
Mariana Medeiros Fachine

DOI 10.22533/at.ed.62720081016

CAPÍTULO 17..... 160

DIMENSÕES DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NO EXTREMO OESTE DE SANTA CATARINA

Diele da Silva Santos
Sirlei Fávero Cetolin Ana
Maria Martins Moser

DOI 10.22533/at.ed.62720081017

CAPÍTULO 18..... 172

O TREINO COGNITIVO DE CONTROLE DA RAIVA E SEUS EFEITOS NA REATIVIDADE

CARDIOVASCULAR EM MOMENTOS DE STRESS INTERPESSOAL

Marilda Emmanuel Novaes Lipp

Louis Mario Novaes Lipp

DOI 10.22533/at.ed.62720081018

CAPÍTULO 19..... 185

GRUPOS TERAPÊUTICOS NA ÓTICA DE EQUIPES MULTIPROFISSIONAIS NA ÁREA DA SAÚDE MENTAL

Amanda Angonese Sebben

Sirlei Favero Cetolin

Vilma Beltrame

Carina Rossoni

Aline Bogoni Costa

DOI 10.22533/at.ed.62720081019

SOBRE O ORGANIZADOR..... 197

ÍNDICE REMISSIVO..... 198

CAPÍTULO 15

UM OLHAR GESTÁLTICO SOB O ENTORPECIMENTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA CONTRA-HEGEMÔNICA DE POLÍTICAS DE REDUÇÃO DE DANOS

Data de aceite: 01/10/2020

Dácio Pinheiro Carvalho Filho

<http://lattes.cnpq.br/2481655833138427>

Marcus Cézar de Borba Belmino

UFSC

Centro Universitário Leão Sampaio, Juazeiro do Norte (CE)

<http://lattes.cnpq.br/3726127601830224>

RESUMO: Esta pesquisa apresenta um estudo bibliográfico a respeito da constituição do modelo de saúde pautado na lógica proibicionista da abstinência, realizando um resgate histórico de marcos nacionais e internacionais abordando os fatores que contribuíram para sua consolidação. E apontar como a proposta de política de redução de danos se apresenta como uma alternativa contra-hegemônica. Avaliando os danos causados pela guerra as drogas e usando de uma leitura gestáltica por meio da teoria do Self, mais especificamente na clínica política da banalidade fruto da expansão das ideias de Paul Goodman expostas do “Gestalt-therapy” realizada por Muller-Granzotto e Muller-Granzotto. Os resultados mostram-se favoráveis a proposta de redução de danos uma vez que apesar do uso de drogas ser um hábito reprimível, mas dificilmente erradicado. A expectativa de um mundo sem drogas é demasiadamente irreal.

PALAVRAS-CHAVE: Entorpecimento, Drogas, Danos, Gestalt-terapia, Banalidade.

ABSTRACT: This research presents a bibliographic study about the history of the health model based prohibitionist and the abstinence logic, making a historical review of national and international moments addressing the factors that contributed to the consolidation on this model and showing how proposed harm reduction model appears as a alternative and counter-hegemonic proposal. Evaluating the damage of the war drugs. And using the existential phenomenolog and gestalt-therapy theory, specifically the Self theory, in clinical policy. The banality clinic, result of the expansion of exposed Paul Goodman’s ideas on the “Gestalt-therapy” performed by Muller-Granzotto e Muller-Granzotto. The results position favorably the damage reduction proposal of health, beacuse the habit of the numbness are repressible, but hardly eradicated. The expectation of a world without drugs is overly unreal.

KEYWORDS: Numbness, Drugs, Damage, Gestalt-therapy, Banality.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo se dispõe a estudar o fenômeno do entorpecimento em uma abordagem gestáltica, mais especificamente a relação entre o usuário e a substância dentro do contexto da teoria do Self. Como existem diversos tipos de relações entre o usuário e a substância, este artigo se propõe a aprofundar-se no enquadre da clínica política da banalidade, imergida recentemente dentro de um projeto de expansão das ideias apresentadas na obra

“Gestalt terapia”, cujo lançamento foi o marco histórico da fundação desta abordagem. Além de resgatar o histórico da construção e da consolidação do modelo de saúde hegemônico pautado na lógica proibicionista da abstinência bem como o aparecimento de uma proposta alternativa, a política de redução de danos.

Em linhas gerais aborda-se as políticas de redução de danos como sendo um contraponto ao modelo proibicionista para assim lançar mão do olhar da fenomenologia existencial, e da Gestalt-terapia como referencial teórico para estudar o uso de drogas e avaliar a sustentabilidade destes modelos.

Em linhas específicas, uma história é recontada, a genealogia do vigente modelo proibicionista, mostrando os marcos históricos relevantes para sua constituição tanto no século XIX aonde a guerra às drogas se tornou mais ferrenha e incisiva, e também no contexto nacional com atenção especial voltada para a década de oitenta, período do agravamento do fenômeno de guerra às drogas e embate com forças totalitárias da ditadura militar. Apresentando questionamentos sobre o quão genuinamente a política sobre drogas está interessada em promover saúde aos usuários ou em padronizar condutas, em um processo biopolítico. Uma vez que foi consolidado um modelo de saúde que considere como saudável apenas um estilo de vida pautado unicamente na completa abstinência, pela associação deste saber médico a um moralismo religioso, e os desviantes passíveis até mesmo de intervenção penal, ou seja, uma junção da moral religiosa, do saber médico e da intervenção penal. Realizar uma análise fenomenológica existencial a respeito do entorpecimento para contextualizarmos e partirmos para a análise gestáltica.

Esta produção adquire uma forte relevância já que as políticas de redução de danos enfrentam grandes resistências e dificuldades, resultando em um forte tabu que origina uma área de pesquisa com grandes possibilidades de questionamentos, uma vez que a Gestalt-terapia está sendo inserida sobre a forma de questionamento em um campo constituído por saberes com seus discursos que apontaram caminho para práticas higienistas. Além de servir aos profissionais de saúde, os mesmos estão encontrando dificuldades em adotar uma postura de reflexão e de realizar uma leitura de homem e de mundo. Caindo respectivamente em posturas reducionistas tanto com o uso, quanto com o usuário de drogas frente a um problema de grande complexidade, e em uma compreensão superficial da psicodinâmica do entorpecimento.

Parte-se do pressuposto de que por serem encaradas como substâncias abjetas tem-se a tentado a todo custo coibir las da forma mais forte possível, exercendo-se uma poderosa forma de coerção sobre o usuário e obscurecendo o debate, evitando que os pontos que apresentam-se como insustentáveis sejam questionados e sufocando a procura por propostas alternativas, e não reconhecendo o as grandes falhas de uma política de saúde que considere aceito apenas um modo de ser pautado apenas na completa abstinência. A falta de questionamentos gera dificuldades no processo de problematização, assim fazendo com que o processo de rompimento as amarras ideológicas do proibicionismo torne-se algo difícil, justificando assim a importância de recontar a história deste modelo de saúde.

É válido ressaltar que apesar dos questionamentos serem direcionados a um modelo hegemônico e a uma proposta que mostra-se como contra-hegemônica, eles se dirigem também diretamente a um grande leque de pessoas físicas e concretas, desde pessoas com interesse e curiosidade pelo tema, ativistas da luta antiproibicionista e até que profissionais que lidam diretamente com esta questão, principalmente para psicólogos e psiquiatras que enveredam pelo campo conceitual da Gestalt-terapia, campo teórico que ganha cada vez mais espaço e influência dentro do ambiente acadêmico nacional.

2 | METODOLOGIA

Segundo Marconi; Lakatos (2010), a pesquisa bibliográfica inclui oito fases. A escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação. Não seguindo à risca a cada etapa do processo, mas a utilizando como referência para o desenvolvimento de um estilo próprio de pesquisa.

O presente estudo tem um caráter qualitativo e de método bibliográfico. Lima e Lima; Miot(2007) apontam que a pesquisa de cunho bibliográfico portam de um conjunto de procedimentos frente aos problemas traçados, não podendo realizar as leituras e a busca de forma aleatória. Uma A leitura seletiva, objetivará a buscar literaturas conexas ao tema, relacionando e interpretando as ideias das obras relacionando como o tema da pesquisa e a problemática que a pesquisa aborda.

Realizou-se uma busca, uma compilação de artigos científicos, que em seguida passaram por um processo de leitura e anotações tendo suas partes mais relevantes fichadas e algumas ideias sintetizadas, resumidas e organizadas em manuscritos observando como possuíam uma complementaridade. Foram organizadas visando uma melhor organização das ideias para que elas fossem expostas da forma mais clara e concisa possível.

Lançou-se mão de uma metodologia típicas de ciências sociais, o método histórico, Segundo Marconi; Lakatos (2010) este trata-se de uma metodologia que leva em consideração que as atuais formas de vida e de compreensão social têm uma origem histórica. Escolhida a fim de contextualizar os desafios a serem encarados pelas políticas de redução de danos e as construções sociais envolvidas do fenômeno do uso de drogas.

Uma segunda metodologia, o método de abordagem, segundo Marconi; Lakatos(2010) trata-se de um método com distinto nível de inspiração filosófica e grau de abstração, abarcando fenômenos de forma mais elevada e ampla. Recorrendo assim ao pensamento fenomenológico existencial em artigos científicos e obras como “O existencialismo é um humanismo” de Jean-Paul Sartre, e abordagem gestáltica em sua raiz, O “*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality.*” de autoria de Fritz Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman de 1951 em sua versão em português de 1997, seus desdobramentos modernos em “Clínicas gestálticas, Sentido ético, político e antropológico da teoria do self” por Marcus José Müller-Granzotto e Rosane Lorena Müller-Granzoto.

3 | GUERRA ÀS DROGAS

Maciel; Vargas (2014) definem guerra às drogas como um empreendimento que almejou o estado como um mantenedor de um ideal de ordem social, fazendo do seu consumo algo intolerável, influenciando diretamente as práticas de saúde pública. Porém o grande número de adictos mostra como esta política é ineficiente, apesar do reconhecimento de seu fracasso, sua ideologia ainda se apresenta como dominante.

Há autores como Rocha (2013) que questionam se o real inimigo a ser combatido seja realmente as drogas a partir de contradições em sua lógica, denunciadas por meio de evidências que sugestionam que as mesmas tratem-se de um pretexto para exercer-se um controle social sobre classes sociais menos abastadas.

Como exemplo, Rocha (2013) aponta que a Guerra às drogas é uma guerra tão nociva, sanguinária e que se dirige diretamente sobre as pessoas assim como qualquer outra guerra, e não diretamente sobre as drogas. Tratando-se de uma ferramenta historicamente utilizada como instrumento legitimador de perseguição a classes menos abastadas com uma violência exacerbada. Segundo a autora a ideologia da política proibicionista faz com que os entorpecentes sejam afastados do âmbito da saúde e aproximados do âmbito da segurança pública, obscurecendo uma forma de controle social aonde jovens de classes mais baixas costumam serem tidos como traficantes perigosos e jovens de classe média alta como usuários que devem ser tratados. Neste processo a guerra às drogas se mostra apenas com o potencial de reprimi-las porém incapaz de extingui-las. E contraditoriamente contribui para o fortalecimento deste mercado ilícito, pois trata-se de um negócio sustentado a partir da proibição que agrega valor a mercadoria.

3.1 Origem internacional da Guerra às drogas no século XIX

Anteriormente a este marco da política proibicionista do século XIX, Souza (2014) retratam que no século XVIII o discurso moral religioso passa por um processo de apropriação na produção científica empírica. Nos Estados Unidos, associações religiosas anti-bebidas alcoólicas pregavam um discurso do combate ao mal enquanto que as médicas propagando o combate a doença e a promoção da saúde.

Reed (2013) estuda um comparativo, uma aproximação com os estudos foucaultianos no que diz respeito a sexualidade apontando semelhanças com o fenômeno do entorpecimento. A aproximação das drogas com a sexualidade também adquirindo também conotações negativas, os pecados da carne dentro da esfera do discurso religioso, estimulando o exame individual da consciência para alcançar a penitência nos mínimos desejos e vontades. Tendo o uso de psicoativos, assim como a prazer da sexualidade, foram encarados como vício, oposto de virtude.

Ao afirmar-se que o entorpecimento aproximou-se da sexualidade, refere-se a transformação de suas conotações, que outrora foram positivas Foucault (1998) relata que na antiguidade, no paganismo antigo o ato sexual era dotado de significações positivas.

Enquanto no cristianismo foi instituída a proibição do incesto, a sujeição da mulher ao homem, dominação masculina e principalmente associado do ato sexual ao mal, a fraqueza.

“Suponhamos que aceitemos por um momento categorias tão gerais como as de ‘paganismo’, de ‘cristianismo’ de ‘moral’ e de ‘moral sexual’. Suponhamos que perguntemos em que pontos a ‘moral sexual’ do cristianismo opôs-se, o mais nitidamente, à ‘moral sexual do paganismo antigo’: Proibição do incesto, dominação masculina, sujeição da mulher? Sem dúvidas serão estas as respostas dadas: Conhece-se a extensão e a constância desse fenômeno sob suas variadas formas. Mais provavelmente, o valor do próprio ato sexual: O cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte. Ao passo que a Antiguidade o teria dotado de significações positivas.” (FOUCAULT; 1998. Pag17)

Larmen; Dortora; Ramos (2014) contextualizam no cenário global o marco histórico da política proibicionista, o qual remonta ao início do século XIX, época do crescimento da industrialização e do consumo de álcool e ópio. As explicações para estas medidas encontram-se em um modelo moral e no modelo da doença. E também trazem influência da medicina na legislação do Brasil na década de 70 que ofereceu suporte científico para justificar o controle do uso de drogas

Contraditoriamente o século XIX, que foi marcado pelo incisivo combate as drogas, foi a época em que seu uso passou por uma considerável transformação. Segundo Rocha (2013) o que era um produto advindo de métodos naturais ou artesanais com um simples valor de uso passa a ser encarado em uma lógica de mercadoria transformando-se um produto mercantilizado, produzido em larga escala e rentável.

3.2 Combate as drogas no âmbito nacional, o exemplo da maconha

Olhando para o histórico Macrae; Simões (2000) relatam que o uso da *cannabis* não se trata de uma prática recente. Foi introduzido no Brasil ainda na época da colonização sendo usada em cultos afro-brasileiros difundindo-se para o nordeste em suas zonas rurais, e em classes urbanas menos abastadas. E sendo nas primeiras décadas do século XIX o seu uso associado ao perigo pelas forças médico policiais, relacionando-a a categorias, e estigmas como sendo o “pobre”, “preto”, marginal”, “bandido”.

Este histórico a respeito da maconha pode ser entendido como um indício da forma da maneira que os entorpecentes são utilizados como elementos utilizados para a categorização dos indivíduos. Tratando-se de drogas como objeto Reed (2013) aponta que elas não são substâncias preexistentes em si, são elementos existentes dentro de relações de poder que geram discursos, lhes modelam e lhes dão imagem.

Macrae; Simões (2000) trazem um recorte do século XX, nas décadas de 20 e 30 os registros médicos brasileiros desqualificaram o uso da *cannabis* a partir de seus registros de observações de contextos onde o uso era típico, porém hoje se ver que os indícios observados eram escassos frente a grande quantidade de danos físicos, psíquicos e morais atribuídos ao uso da canábis. Além do discurso médico, a década de 50 era

típico do discurso jornalístico tratar de forma irônica, sarcástica as notícias que envolviam a *cannabis*, criando assim o imaginário popular de uma caricata índole do maconheiro. Posteriormente, na década de 60 essas construções seriam questionadas pela “revolução cultural” vivida no ocidente. Deixando assim de ser um uso restrito a classes menos abastadas tornando-se um símbolo de questionamento da cultura ocidental e busca por um estilo de vida alternativo nos anos seguintes. Não tardando para que o regime militar a enxergasse como um símbolo de rebeldia e questionamento da cultura vigente.

Na verdade, Reis (2015) ressalta a presença de significações culturais presentes nas drogas estampadas na (contra)cultura e na música, como *The Jimi Hendrix Experience* na década de 60. E no cinema nas gerações pós Woodstock dos anos 70 pós woodstock, pós movimento hippie em obras cinematográficas como *Easy Rider* (de Peter Fonda) e *A Clockwork Orange* (De Stanley Kubrick)

Rodrigo (2012) apresenta que a soma de medos sociais, xenofobia, racismo, acompanhado de as alegações do campo da saúde pública favoreceu que o consumo e a produção de drogas tornarem-se atividades ilegais. Como exemplo do racismo tem-se o exemplo da maconha que passou a ser encarada como produto de negros

3.3 Anos 80, agravamento do conflito, uma guerra urbana no Brasil

Para se entender o processo de Guerra às drogas se intensificou de forma violenta no Brasil se faz necessário a realização de um resgate historicamente. O início da década de 80 foi marcada pelos anos derradeiros do regime militar aonde haviam os embates de forças democráticas enfrentavam a ferrenha represália totalitária militar. Este é o recorte histórico apontado por Passos;Souza(2011) em que o declínio do momento chamado milagre econômico, a inflação, explosão demográfica e desordenada nos grandes centros urbanos criaram espaços marginalizados propícios ao crescimento de um mercado ilícito de entorpecentes, especialmente a cocaína. Culminando assim com um forte aumento da violência devido ao enfrentamento das forças policiais e conflitos entre os produtores e traficantes.

Sá (2008) relembra que em 2008 completaram-se 60 anos desde a assinatura da Declaração Universal dos direitos Humanos, mobilizada frente a um período sombrio da história da humanidade, o pós Segunda Guerra Mundial. Lamentando que o Brasil, assim como outros países subdesenvolvidos convivam com contextos de guerra e violações dos direitos humanos, mesmo que velada, além de terem significativas semelhanças, como se práticas do Partido Nazista ganhassem uma versão latino-americana em uma verdadeira guerra urbana. A autora nos mostra que em ambos os contextos no imaginário popular constantemente projetando um olhar heroico sobre a polícia como se estivessem frente a uma redenção, heróis salvadores de todos os males, assim como era-se projetado ao Führer na Alemanha Nazista. Fazendo com que houvessem papéis bem delineados de “mocinhos e bandidos”, ambas as guerras assistidas por uma massa populacional tão

carente de reflexão quanto Eichmaan, figura caricata da irreflexão. Justificando a violência, sob o pretexto de estarem atuando em prol do “bem” e para a figura do “cidadão de bem” em contraste com inimigos construídos a partir de um pensamento sem criticidade.

Longe de inverter os papéis do “bem” e do “mal”, trata-se da própria desconstrução deste maniqueísmo frente as consequências desastrosas na forma guerra as drogas se estabeleceu, “inegável que a marca do proibicionismo está pintado de vermelho sangue.”(REIS, 2015, p.20)

Estes papéis bem fortemente delineados de heróis e anti-heróis aproxima-se do que Rocha (2013) em sua análise sobre como a guerra as drogas recai sobre a juventude menos abastada, considera como uma fragmentação maniqueísta distinguindo sem uma mediação papéis de bem e mal, de vítima e de algoz. Crianças vitimadas por ausência de direitos tornam-se adolescentes vitimados pelas mesmas ausências, ganham visibilidade pelos discursos ideologizados os considerarem mais como algozes do que como vítima. Estando em uma posição delicada por de um lado serem explorados, ameaçados e violados pelo envolvimento com uma atividade ilegal e pelo outro ganharem status de traficantes demonizados pelo discurso moralista quando na verdade tratam-se apenas da parte mais superficial se observar-se a problemática de maneira mais ampla.

O levantamento a respeito da guerra as drogas assemelha-se a História da Prisão anunciada por Foucault (2012). Pois esta contribuiu para a criação de um mercado ilícito favorecendo o surgimento da criminalidade assim como a prisão não se encarregou de recrutar e aprofundar os sujeitos a delinquência, frente o seu fracasso das prisões em reformar-lhos, fez-se uso estratégico do que seria um inconveniente que seria útil a nível econômico ou político. O histórico deste processo de guerra as drogas levanta a hipótese de que as drogas tenham se tornado objeto de interesse de controle político para perseguição de classes menos abastadas.

Um exemplo do uso da guerra às drogas aonde ocorreu a junção de um fim moral com um fim político e econômico é apresentado por Souza (2014) remetendo a empreitada antidrogas promovida pelos Estados Unidos com a criminalização do Ópio. Substância cuja produção esteve sob o controle da Índia até o século XVIII, aonde foi tomado pelo domínio Inglês. Posteriormente o projeto anti-drogas americano criminalizaria o ópio para estreitar a influência Inglesa e aumentar o seu domínio.

4 | POLÍTICAS DE REDUÇÃO DE DANOS.

Maciel; Vargas (2014) definem Políticas de redução de danos como um conjunto de práticas que objetivem mudanças no pensamento social a respeito das drogas, dignidade, respeito e inclusão social ao usuário. Realizando aprendizagem de autocuidado, educação e promoção de saúde.

Nota-se que este conceito aponta o diferencial desta proposta está na forma de promoção de saúde, reconhece como sendo distante e pouco viável que o uso de drogas

seja descartado por completo, tendo seu foco o interesse de que o uso seja o mais equilibrado possível visando que os eventuais danos causados pelas drogas sejam os mínimos possíveis.

Reis; Guareschi; Carvalho(2014) trazem ainda um questionamento importante realizado pelas políticas de redução de danos. Questiona-se até que ponto trata-se de uma prática genuinamente interessada em promover a saúde. Uma vez que é demonstrado que a política proibicionista pautada na abstinência direciona maior parte de sua atenção para o controle dos comportamentos do que para a promoção de saúde.

4.1 Histórico internacional das políticas de redução de danos

Tisott (2014) faz um resgate histórico tanto da primeira prática em redução de danos no início do século XX como também da forma que conquistou espaço no final deste mesmo século. A primeira experiência com redução de danos foi realizada no Reino Unido no ano de 1926 para usuários dependentes de ópio que passou a ser prescrito pelos médicos dentro do acompanhamento dos efeitos adversos da abstinência, apenas doses mínimas e necessárias para fins terapêuticos objetivando minimizar sintomas danosos não havendo fornecimento com finalidade de obtenção de um prazer, de uma satisfação. A administração de pequenas doses de ópio foi encarada como relevante e indispensável. Já no final do século XX, em 1984 na Holanda, se deu por uma medida estabelecida pelos próprios usuários ao perceberem o risco pelo uso compartilhado de seringas, uma medida preventiva frente o risco de contaminação por AIDS, e hepatite.

Ou seja, enquanto em 1926 a política de redução de danos não visava uma maneira de prazer. Enquanto isso a iniciativa tomada pelos usuários de drogas injetáveis na Holanda visou a manutenção do mesmo, porém preocupando-se com riscos relacionados ao uso de seringas compartilhadas.

4.2 Histórico nacional das políticas de redução de danos

Passos;Souza(2011) Fazem o resgate histórico dos primeiros passos dados pelas políticas de redução de danos dentro do contexto nacional. Se deram na cidade portuária de Santos-SP em 1989. Aonde vivia-se uma promissora gestão municipal com práticas concretas que incentivavam a saúde democrática adotando as políticas de redução de danos para combater um alarmante problema de saúde da época, a aids. A cidade portuária era ponto estratégico para o tráfico de drogas, e 51% dos casos de AIDS estavam relacionados ao uso compartilhado de seringas.

Ou seja, após um curto prazo de tempo, a iniciativa adotada na Holanda fez se reverberar na América Latina servindo de exemplo para que a política de redução de danos fosse inaugurada no Brasil com o intuito de combater a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, como a hepatite, já que grande percentual de aids eram frutos do compartilhamento de seringas.

BRASIL (2015) descreve este recorte histórico, o nascimento das políticas de redução de danos, como a primeira vez em que ao se falar em drogas deslocava-se o foco na substância e valorizava-se a pessoa como sendo o elemento principal tratando-a com o devido protagonismo respeito e respeito a sua autonomia. Considerando o trabalho de David Capistrano, como secretário municipal de saúde, e Fabio Mesquita, como coordenador do programa municipal de DST/AIDS como sendo visionários. Posteriormente nos anos 90 é criado o primeiro programa de redução de danos (PRD) e após dois anos, em 1997 nasceria a Associação Brasileira de Redutores de Danos, (ABORDA) com o intuito da formação de uma rede de usuários incidindo nas políticas públicas garantindo o acesso e o cuidado a usuários que necessitem de um cuidado além do tradicional, seja por não conseguir largar o vício ou por não almejar viver em completa abstinência.

4.3 Redução de Danos, seus desafios pelo respeito a autonomia e protagonismo

Passos; Souza (2011) atentam ao fato que as políticas de redução de danos tenham um grande desafio em sua frente, uma vez que põe o sujeito em questão não como um paciente submisso, mas como protagonista responsável por sua saúde.

Um dos desafios necessários para as políticas de redução de danos é o questionamento do modelo vigente, de acordo com a pesquisa realizada por Coelho; Soares (2014) a formação de profissionais de saúde da atenção básica está insuficiente ou inadequada para lidar com um problema tão complexo. Reiterando concepções reducionistas, a formação técnico clínica inviabiliza questionamentos a ideologia do modelo proibicionista.

Esta dificuldade encontrada nos profissionais da atenção básica em saúde, encaixa-se facilmente como um sintoma da arqueologia da constituição do saber médico. Reed (2013) mostra certa similaridade entre os discursos médicos apontados por Foucault do século XIX voltados a sexualidade com os voltados ao uso de drogas. Assim como houve classificações de doenças e “perversões” a partir do sexo, houve classificações, catalogações e tipificações. Algumas transformadas em fármacos e estimuladas e outras associadas a questão da dependência. Daí a abordagem ao dependente como incapaz de pensar racionalmente, prevendo assim o tratamento compulsório.

As políticas de redução de danos aparecem como uma proposta dialógica respeitando a autonomia do usuário que apesar de sofrer com os danos físicos não pretendem largar o uso por completo. A falta de dialogicidade para com o usuário de drogas assemelha-se a falta de dialogicidade para com a loucura apontada por Foucault. “A linguagem da psiquiatria, que é monólogo da razão sobre a loucura, só pode estabelecer-se sobre um tal silêncio. Não quis fazer a história dessa linguagem; antes, a arqueologia desse silêncio” (Foucault; 1999, p.188) Estando referindo-se a meados do século XVIII aonde a loucura passa a ser objetivada pelo saber médico que se fortaleceu rapidamente, e que posteriormente como

já foi abordado foi incisivo sobre a questão das drogas. As políticas de redução de danos aparecem assim como uma busca de dialogicidade com o usuário.

De acordo com Maciel; Vargas (2014) as políticas de redução de danos não se propõem a serem contra a abstinência, mas contra o ideal da política proibicionista por considerar-lo demasiado distante uma sociedade completamente abstinente, dialogando e com o usuário um modo de consumo menos prejudicial possível.

Reis (2015) esclarece que posicionar-se a favor da descriminalização de drogas está longe de confundir-se com incentivar o uso, propõem-se políticas públicas eficazes e transformadoras sufocadas pela criminalização. Os danos, não negados, causados pelo uso aliaram-se imposição de regras de uma reforma moral, dando origem a uma forte rejeição e intolerância contribuindo para políticas higienistas e autoritárias.

5 | CLÍNICA GESTALTICA

Ao se falar em Gestalt-terapia, é importante a realização de uma contextualização frente as divisões desta abordagem. Belmino (2014) descreve o processo histórico da Gestalt-terapia como uma abordagem que já nasceu cindida. Fritz Perls, neuropsiquiatra e psicanalista alemão acompanhado de sua esposa Laura Perls migram aos Estados Unidos insatisfeitos com a recepção de suas teses pelos psicanalistas europeus, neste contexto foram apresentados a Paul Goodman, um criativo escritor americano que possuía domínio sobre leituras psicanalíticas, teses Kantianas, a fenomenologia de Edmund Husserl e o pragmatismo de John Dewey, escrevendo sobre política e pedagogia críticas ferozes sobre as incongruências que a educação e a política americanas estavam tomando. Logo, recebeu um exemplar do livro “Ego, fome e agressão”, lançado por Fritz Perls, acompanhado de outros manuscritos e uma quantia em dinheiro para sistematizar este conjunto de ideias que viriam a inaugurar uma nova abordagem em psicologia.

Porém, no desenrolar desta parceria, Belmino(2014) conta que Goodman acabou-se tornando um coautor da obra, ao invés de apenas um editor, escrevendo uma nova teoria do self. Logo após seu lançamento, tornaram-se duas figuras antagônicas, o Livro “*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality.*” de difícil leitura, não foi bem-sucedido em vendas, deixado de lado nas escolas de Gestalt-terapia, tendo Fritz Perls tornado-se uma figura mais proeminente pelo seu estilo performático. Se a psicoterapia já não era o foco de Paul Goodman, sendo impedido de exercer a atividade clínica por não ter uma formação em psicologia ou psiquiatria, se afastaria definitivamente da prática clínica, não abandonando a abordagem gestáltica em seus escritos posteriores.

De acordo com Belmino(2014) as idéias essenciais da contribuição de Paul Goodman tratam-se da apresentação de uma releitura fenomenológica e pragmática da psicanálise, a releitura da neurose por um viés sociocultural (Influência de Wilhelm Reich), o objetivo de reconquistar a fluidez entre alienações e identificações, revitalização da função do

Ego, e conflito entre a mudança do self e a manutenção de uma forma tensa habituada a supressão dos excitamentos de modo que não se percebe como se como eles se dão os impedimentos. Estando o *self* lutando por soluções criativas e o corpo por tendendo a uma postura conservativa.

Sipahi; Vianna (2001) em sua análise existencial apontam o futuro como sendo o lugar da perspectiva das realizações das potencialidades convidativas e ameaçadoras do homem e também o seu limite máximo, a morte. Sendo assim a tarefa do viver está fortemente atrelada a angústia perante o futuro, tal angústia seria momentaneamente aliviada pelo entorpecimento. Sendo o vício, o uso sem moderação como um alívio desta angústia entrando num presente eufórico, infinito e infantil.

Matos; Borba (2014) mostram as transformações decorrentes do positivismo na forma de se encarar o homem moderno, acrescentaram na compreensão sob aspectos físico-químicos, porém pouco contribuindo para o entendimento da subjetividade do sujeito. Em sua perspectiva fenomenológica traz que é típico de dependentes químicos o distanciamento de suas questões subjetivas, projetos pessoais dão lugar a busca incessante por entorpecentes. Sendo as frustrações diante de situações de vida propulsoras ao abuso de drogas.

Estas considerações estão de acordo Sodelli (2010) também traz a compreensão fenomenológica e existencial do pensamento de Martin Heidegger argumentando que em sua ontologia o Homem é um ser inacabado, entregue ao próprio cuidado de um modo singular. Uma vez que a condição do Dasein, põe o homem frente a liberdade e a finitude. Ficando assim responsável frente a possibilidades e potencialidades, este conceito está relacionado também com o caráter peculiar da existência do homem, característica esta que aponta a incoerência do modelo proibicionista com o modo de ser do homem.

Ou seja, de acordo com Sodelli(2010), uma vez que sua vulnerabilidade existencial o põe em uma inclinação a estados alterados de consciência em virtude da angústia e culpa, que são temporariamente aliviadas. Vemos que os autores apontam que a humanidade sempre fez uso de drogas e sendo uma expectativa irreal que o uso seja erradicado. Sendo assim qualquer política de saúde que tente erradicar esta possibilidade humana tenderá ao fracasso.

É necessário o esclarecimento de que esta inclinação a alterações de consciência não se referem a uma tendência inata, mas sim ao que Matos; Borba (2014) apontam como eventos frustrantes constituídos no mundo vivido, do *lebenswelt*. Em sua análise, descreve o vício em drogas como um distanciamento das questões subjetivas, de seus projetos de vida. Observando uma determinada ambivalência entre a sedução pelo contínuo entorpecimento e a retomada de projetos existenciais como trabalhar, constituir uma família e uma formação profissional.

Pelo “mundo vivido”, Moreira (2009) traz que o termo *lebenswelt*, trata-se de compreender a realidade da experiência vivida, imediata e em sua totalidade, ou seja,

nem encarando-a como puramente objetiva, nem como puramente subjetiva e objetiva, nem como consciente ou inconsciente. Variando de acordo com fatores culturais, porém mantendo-se a forma.

Sartre (2012) conceitua o homem como sendo um próprio projeto que vive, se definindo pelo seu fazer, seu existir, uma projeção de seu vir a ser, diferentemente de um musgo ou qualquer outra criatura inanimada, nada de inteligível existindo antes deste projeto. Sendo assim o existencialismo põe sobre o homem posse daquilo que ele é, responsável pela sua existência.

Rocha (2013) Ratifica com a consideração de que as drogas permearam a humanidade em toda sua história, reconhecendo as drogas como portadoras de um papel social e social. Satisfizeram desde necessidades físicas a culturais, religiosas, ritualísticas. Ficando claro a partir das evidências de que historicamente as tentativas de coibir o uso fizeram com que se encontrassem meios para driblar tais impedimentos, demonstrando assim que os abjetivos de erradicação das propostas proibicionistas tendem a não serem alcançados.

A proposta de desconstrução da abordagem proibicionista a partir do estudo fenomenológico e existencial por Sodelli(2010) do entorpecimento simpatiza com os objetivos traçados por Fritz Perls e Paul Goodman no empreendimento da construção de uma nova abordagem teórica inaugurada com o lançamento em 1951 do livro "*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*," obtendo sua versão em português em 1997.

Como nos aponta Belmino(2014) a gestalt-terapia faz críticas a sistemas que têm elaboradas uma concepção de saúde e doença com uma função normativa. Definindo assim um objetivo último para o sujeito em psicoterapia que seria alcançado pelo viés de uma metodologia terapêutica preestabelecida. Ou seja, nos é apresentada uma alternativa existencial frente a uma teoria que lança mão de paradigmas já estabelecidos de ciência e de moralidade.

A clínica da banalidade trata-se de uma clínica política. Segundo Muller-Granzotto; Muller-Granzotto(2012) fruto da forma de como Paul Goodman realizou uma leitura crítica da psicanálise, a partir da leitura fenomenológica e pragmática, aonde o conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte, repetição a castração e a substituição por um objeto sexual ou ideal seria substituído por um conflito entre o self e a dominação biopolítica do outro social. Trata-se de um conflito dentro da temporalidade entre o sujeito de atos e uma personificação do outro social. Por temporalidade refere-se a autonomia para operar com o seu passado com os próprios desejos, potencialidades em direção a uma perspectiva futura. Em conflito com a figura do outro social que exercerá uma pressão para que os projetos do sujeito sejam substituídos pelos projetos da personificação deste outro social.

Muller-Granzotto; Muller-Granzotto(2012) simpatizam com a proposta de políticas de redução de danos pelo entendimento de que os entorpecentes, ainda que de forma

precária, formam de resistência perante o outro social, ou seja, objeto possuindo uma função. Entendendo como processo de ajustamento criativo. O propósito da política de redução de danos seria preservar as estratégias de enfrentamento já existentes. A atuação se dá no sentido de acolher as formas de apego, se estratégias encontradas, ao mesmo tempo em que se promoveria um estímulo para que elas sejam ultrapassadas.

Para se entender o conflito entre o indivíduo e a sociedade é preciso retomar a Perls; Hefferline; Goodman (1997), os autores consideram a sociedade como o espaço de relações e as instituições das pessoas, podendo assim determinar um comportamento como “antissocial”, em contrapartida, pode-se também determinar costumes e instituições “antipessoais”

Muller-Granzotto; Muller-Granzotto (2012) Descrevem o conflito travado com o Outro social como uma vez que sua potencialidade de operar com os próprios desejos esteja dificultada, bloqueada pelo outro, o sujeito ver-se obrigado a substituir seus desejos por restos, semblantes de desejo em uma tentativa de escapar ao conflito ou aniquilar o outro social como um algo a ser destruído. Porém nos apontam que ao abrir mão dos desejos ou aniquilar o outro social não surgem novas possibilidades para a criação de novas formas.

Müller-Granzotto; Müller-Granzotto (2012) trazem a clínica gestáltica está ligada ao *clinamen*, desvio espontâneo, o objetivo das intervenções estaria relacionado ao aumento das possibilidades, a produção de um algo inédito. O presente artigo trata-se de uma análise do uso de entorpecentes se dará pela clínica política dentro do confronto do sujeito de atos contra o outro social. Neste caso, a busca por um caminho que não seja nem o de abrir mão dos próprios desejos e nem a aniquilação do outro social.

Na análise fenomenológica e existencial que foi apresentada está demonstrada a perspectiva da responsabilidade pelo seu projeto frente as potencialidades de seu projeto de vida. Aqui se é encarado um conflito entre o sujeito de atos, seus desejos e os impedimentos personificados pelo o Outro Social.

Muller-Granzotto; Muller-Granzotto (2012) colocam a clínica da banalidade como a exemplificação de uma clínica política aonde o sujeito banal é um desertor de suas capacidades de enfrentamento do grande outro social. Substituindo os objetos de desejos por restos de objetos de consumo em massa ou anestesiando-se em drogas. Sendo assim, observa-se mais consumo de objetos que não requerem uma postura crítica. Tendo menos processos *awareness* e uma dispensa por desejos e identidades pelos quais se responsabilizar. Há uma desmobilização, uma passividade no enfrentamento ao outro, deixando de valer os próprios desejos.

O vício em substâncias químicas neste sujeito banal passa a ser visto para além do simples uso inconsequente e irrefletido. Mas como uma forma, ainda que ineficiente, de buscar um equilíbrio mesmo com o todos os danos físicos trazidos.

Perls; Hefferline; Goodman (1997) mostram que quando o processo de rejeição e evitação é inviabilizado, nem a fuga nem a remoção são viáveis o organismo poderá

recorrer a supressão de sua própria awareness, desviando os olhos como uma forma de evitar o contato.

Para Muller-Granzotto; Muller-Granzotto(2012) Eichmann, o executor chefe do terceiro Reich que defendia-se em seu julgamento afirmando ser um mero cumpridor de deveres, não seria banal pela inconsequência de seus atos como afirmava Hannah Arendt, e sim pela forma de se ajustar ao grande outro, no caso, a ideologia Nacional-Socialista do III Reich. Devendo as intervenções devem ser orientadas para além da extrema deserção dos desejos. No caso de Eichmann a alienação a ideologia do partido nazista, mas a banalidade pode se apresentar de outras formas, como na alienação a cultura de massa ou ao entorpecimento

Aos sujeitos banais, o algo novo, o *clinamen*, deve surgir revitalizando sua capacidade de enfrentamento e agressão do outro social para assim salvando-o de sua apatia e irreflexão.

Perls; Hefferline; Goodman (1997) apontam a ira, raiva, e a iniciativa são como funções essenciais para um bom crescimento do organismo. Essas funções apesar de serem passíveis de repressões, não são erradicáveis, voltando-se assim a contra o próprio self. A destruição de forma inassimilável o reorganiza em partes de um novo todo, esta destruição tem uma função de apetite tornando a forma mais assimilável e digerível em contraponto a desagradáveis introjetos.

Conforme foi apontado que Muller-Granzotto; Muller-Granzotto(2012) vêm na redução de danos uma forma de tratamento que mantenha as estratégias de adaptação, considera-se os entorpecentes como um instrumento estratégico, como um ajustamento criador, mesmo que sejam apenas como forma precária já que a banalização de seus desejos pouco enfrenta o Outro social, abrindo mão de seus desejos e outras possíveis identidades que poderiam serem experimentadas.

Neste caso, em que o sujeito banal perde a flexibilidade do self em rejeitar e assimilar elementos do meio, o não funcionamento pela via dos próprios desejos segundo Perls; Hefferline; Goodman (1997) ocasiona em alienação, falsas identificações, subjugamento da espontaneidade. Para o drogadicto na lógica de um ajustamento banal, prioriza-se a preservação das formas de enfrentamento já existentes, e logo após a recuperação de sua criticidade e estímulo a novas formas de enfrentamento do outro social.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é raro que se julgue que as políticas de redução de danos estão mais sustentadas por ideologias a evidências concretas, e que empreendem críticas ao modelo vigente sem a apresentação de uma proposta prática. Na verdade o equívoco deste julgamento está em uma falsa dissociação do que seja ideologia e do que seja prática, acreditando que a prática de uma abordagem sobre as drogas voltada para a abstinência como única via seja

neutra, desprovida de ideologias, ignorando os discursos que a legitimaram, o que aqui foi realizado foi a explicitação dos mesmos.

E quanto a suposta ausência de aparatos práticos, confunde-se a ausência de uma prática única que sirva como a referência com ausência de aparatos práticos. Como são diversas as relações entre usuário e drogas, necessita-se de diversas práticas, analisar criteriosamente a forma e o modo do uso e não propor práticas generalizadas. Como apontamos nos pontos em que a Gestalt-terapia simpatiza com as políticas de redução de danos se não é objetivo das políticas de redução de danos ter uma prática pré estabelecida, mas analisar criteriosamente a dinâmica entre usuário e a substância em questão.

A literatura já havia apontado que o uso de drogas sempre esteve presente na humanidade, em contextos culturais, ritualísticos ou a inclinação ao entorpecimento descritas a partir de questões existenciais. Prováveis fatores que expliquem a incapacidade das políticas proibicionistas em eliminar por completo o uso de entorpecentes, apresentando-se como reprimíveis porém inerradicáveis. O diferencial abordado é o de considerar que há uma função saudável no uso de substâncias químicas apesar de serem potencialmente maléficas a saúde. Apesar de seus prejuízos, faz-se presente alguma forma de ganho secundário que é visto quando faz-se uma observação mais cautelosa no processo de auto regulação do organismo.

Esta consideração traz consigo uma mudança de paradigmas no cuidado aos usuários. Tirando o foco do entorpecimento como um hábito a ser erradicado em prol de um ideal de abstinência e pureza passando a estudar as formas de como o mesmo se dá de uma estratégia de adaptação, procurando estimular estratégias mais maleáveis para possibilitar um uso mais moderado e racional, ou até mesmo que se alcance um estado de total abstinência se for meta do usuário.

Ao ser apontado que a guerra as drogas é um fracasso tanto em socialmente pelos conflitos fomentados, mas também como proposta de saúde cabe-se investigar o porquê de se insistir em estratégias que não se mostram nem eficazes nem sustentáveis. Apontou-se que as atrocidades cometidas durante a segunda guerra mundial se assemelham as praticadas em zonas periféricas dos grandes centros urbanos, assim como as semelhanças com outras guerras, ambas nocivas e sanguinárias. O diferencial da guerra as drogas pode estar em ser uma guerra velada e constante, e não uma guerra em um período de tempo delimitado.

Além da análise histórica que mostrar como o histórico da associação dos discursos morais, médicos e posteriormente penais abrirem caminho para práticas higienistas e autoritárias, A análise fenomenológica mostra que as políticas pautadas na abstinência, apresentam falhas pelo não reconhecimento que um mundo sem drogas seja algo demasiadamente improvável, as condições da vulnerabilidade inclinam o homem aos entorpecentes além dos aspectos culturais em torno das substâncias. Ou seja, o entorpecimento é algo reprimível, porém inerradicável. Sendo assim, a necessidade pelas

políticas de redução de danos apresentam-se como algo urgente. Especificou-se o estudo dentro da lógica da clínica da banalidade, porém mostra-se importante novos estudos sobre outras formas que o consumo se dão.

REFERENCIAS

Associação Internacional de Redução de Danos, disponível em <http://www.ihra.net/files/2010/06/01/Briefing_what_is_HR_Portuguese.pdf> 2010

BELMINO, Marcus Cezar de Borba. **Paul Goodman e o projeto do livro Gestalt Therapy**. Revista IGT na Rede, v.11, nº 20, 2014.p. 120-142. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/ojs>>.

LERMEN, Helena Salgueiro; DARTORA, Tamires; RAMOS, Carine Capra Ramos: **Drogadição no cárcere: questões acerca de um projeto de desintoxicação de drogas para pessoas privadas de liberdade**: Estudos e Pesquisas em Psicologia Rio de Janeiro v. 14 n. 2 p. 539-559 2014

MACRAE, Edward. SIMÕES, Júlio Assis. Rodas de fumo, uso da maconha entre camadas médias urbanas. Salvador: EDUFBA; UFBA / CETAD, 0c2000,2004. 150 p.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José & Rosane Lorena. CLÍNICAS GESTÁLTICAS - O sentido ético, político e antropológico da teoria do self. São Paulo: Summus, 2012. 304p.

PASSOS, Eduardo Henrique. ; SOUZA, Tadeu Paula. **Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de “guerra às drogas”** Psicologia & Sociedade; 23 (1): 154-162, 2011

REIS, carolina dos; GUARESCHI; Neuza Maria de Fátima ; SALO, de Carvalho : **Sobre jovens drogaditos: as histórias de ninguém**. Psicologia & Sociedade; 26(n. Spe.), 68-78.

RODRIGUES, Thiago. **Narcotráfico e Militarização nas Américas: Vício de Guerra**. Rio de Janeiro, vol. 34, no 1, janeiro/junho 2012, p. 9-41.

SÀ, Priscila Palacha. **“Capitão Nascimento e Adolf Eichmann: Ficção e realidade na violação aos direitos humanos”**. FOLMAN, Melissa. ANONNI, Danielle. Direitos Humanos, 60 anos da declaração universal da ONU. 2008

SIPAHI, Fabiano Matos Sipahi; VIANNA, Fernanda De Camargo: **Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial**. Rev Análise Psicológica 2001, 4 (XIX): 503-507

SODELLI, Marcelo: **A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas**. Ciência & Saúde Coletiva, 15(3):637-644, 2010.

ROCHA, Andréa Pires: **Proibicionismo e a criminalização de adolescentes pobres por tráfico de drogas**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 115, p. 561-580, jul./set. 2013

SOUZA, Tadeu de Paula. **O nascimento da biopolítica das drogas e a arte liberal de governar**. Fractal, Rev. Psicol., v. 26 – n. 3, p. 979-998, Set./Dez. 2014

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 2, 3, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 37, 77, 104, 155, 170

Avaliação Psicológica 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 197

B

Banalidade 140, 151, 152, 153, 155

C

Cardiovascular 74, 172, 173, 175, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184

Clima Organizacional 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104

Controle da Raiva 172, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184

Cultura 1, 2, 3, 6, 7, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 59, 103, 104, 114, 116, 126, 145, 153, 175

D

Dança 1, 2, 3, 26

Depressão 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 73, 77, 79, 138, 167

Drogas 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 167, 187, 196

E

Entorpecimento 140, 141, 143, 150, 151, 153, 154

Esgotamento Emocional 76

Esgotamento Profissional 67, 76, 79, 93

Estresse Ocupacional 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 81, 82

Etanol 125

Exclusão Social 160

F

Formação Profissional 84, 112, 120, 121, 150, 195

G

Gestalt-Terapia 140, 141, 142, 149, 151, 154

Grupo 1, 3, 7, 8, 10, 11, 24, 26, 28, 62, 63, 79, 84, 88, 89, 103, 109, 116, 119, 126, 165, 166, 168, 169, 175, 178, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197

H

Humanização da Assistência 156

I

Indivíduo 3, 5, 7, 22, 25, 31, 40, 43, 54, 56, 59, 60, 61, 64, 73, 76, 79, 96, 100, 105, 107, 109, 116, 117, 118, 135, 152, 161, 163, 164, 188, 190

Intolerância Religiosa 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12

M

Machismo 14, 15, 18, 19, 20

Mediunidade 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 52

Mídia 28, 29, 30, 37, 40, 182

Morte 2, 32, 35, 36, 68, 74, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 130, 135, 139, 144, 150, 151, 174

Motivação 60, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109, 110, 135

N

Necrofilia 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

P

Parafilia 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Pediatria 74, 132, 156, 158

Produtividade 60, 61, 69, 71, 81, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 107

Psicanálise 28, 32, 149, 151, 197

Psicologia Analítica 1, 21, 22, 25, 26, 27

Psicologia Comunitária 4, 6, 7, 8, 11, 12, 13

Psicologia Organizacional 53, 61, 64, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 197

Psicologia Social 12, 14, 15, 20, 196

Psiquiatria 42, 51, 139, 148, 149, 156, 158, 161

R

Redes Sociais 3, 17, 34, 42, 44, 45, 51

Relacionamento 81, 82, 98, 100, 101, 105, 106, 109, 156, 157

S

Saúde Mental 7, 28, 30, 38, 56, 60, 70, 93, 100, 121, 133, 134, 135, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 185, 186, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197

Saúde Pública 17, 28, 42, 74, 91, 93, 111, 115, 131, 143, 145, 155, 160, 167, 197

Sexualidade 16, 17, 133, 134, 135, 139, 143, 148

Síndrome de Burnout 68, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

T

Terapia Assistida por Animais 156, 157, 158, 159

Trabalho 7, 8, 16, 17, 19, 23, 26, 29, 31, 32, 42, 44, 46, 47, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 118, 119, 120, 123, 126, 131, 142, 148, 157, 161, 164, 165, 167, 169, 174, 175, 182, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 194, 195, 196

Transtorno Mentais 133, 135

U

Unidade de Terapia Intensiva 112, 113, 114, 115, 120, 121

V


Violência Contra a Mulher 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 